

A MÁQUINA ENERGÉTICA E O GRITO DA PULSÃO SILENCIOSA

Aluna: Tatiana Oliveira Rosa Yazeji

Orientadora: Ana Maria Rudge

Introdução

A pulsão aparece ao longo da obra de Freud como um conceito fundamental para o estudo e prática psicanalítica. A partir dos aspectos dinâmico, econômico e topográfico da metapsicologia Freudiana esse trabalho busca um maior entendimento do conceito de pulsão na Psicanálise.

Resumo

A pulsão como conceito aparece pela primeira vez em 1905 na obra de Freud[1]. Nesse texto o autor localiza a pulsão na fronteira entre o psíquico e o físico. Essa afirmação levou a diversas interpretações de seus leitores, dentre estas a mais comum fora à associação reducionista ao biológico. Esta fala de Freud não fora a única associada diretamente ao saber biológico, a pulsão (Trieb) já fora traduzida como instinto pela *Standard Edition* o que contribuiu na geração de maiores aproximações ao instinto, de que trata a biologia. Não se trata de excluir o biológico, o natural e o instintivo, em sua primeira teoria pulsional Freud nos fala de uma pulsão de auto-conservação ou do eu, diferenciando-a da pulsão sexual, isso se dá até 1914[2]. A partir dessa data o autor abandonará essa distinção e a libido (pulsão sexual) que até então estaria apoiada na pulsão de auto-conservação será o único substrato energético a ser tratado em seus estudos.

A primeira teoria pulsional é marcada pelo princípio do prazer, esse princípio é associado aos processos primários do aparelho psíquico tal como o sonho e a alucinação. No princípio do prazer o que o organismo visa de uma maneira econômica é manter o equilíbrio entre essas duas qualidades, que segundo o autor, são possivelmente reconhecidas como diferentes desde as primeiras experiências infantis. O desprazer estaria sempre ligado a um aumento de tensão e o prazer a uma redução de tensão possibilitando uma homeostase no aparelho psíquico. Em 1920[3] Freud reformulará toda essa condição ao considerar haver tensões prazerosas e distensões desprazerosas, dessa forma será inaugurada a segunda teoria pulsional que não mais será marcada pelo dualismo entre pulsões de auto-conservação e pulsão de vida, dualismo esse que já havia sido abandonado desde 1914. Essa nova tópica é formulada a partir de novas situações em que Freud se depara em sua clínica como a compulsão a repetição, o fort-da, dentre outras, que o levarão a pensar em um excesso pulsional sem representação que possivelmente se desprenderia da pulsão de vida -que tem como representantes o afeto e o pensamento- rumo a uma “destruição silenciosa”.

Lacan nos diz que nada encarna tão profundamente no universo humano quanto uma máquina. Garcia-Roza[4] nos chamará atenção para a história da filosofia onde de Descartes a Hegel tinha-se como modelo a máquina Newtoniana: concepção mecanicista de uma natureza perfeita. Diferencia essa máquina natural da visão energética de Freud afirmando que se houvesse um modelo de máquina que conseguisse dar conta de explicar o homem -sujeito da psicanálise- que Freud nos apresentou, essa máquina seria energética. Comparando a máquina à linguagem assinala a distancia das duas em relação ao natural, o sentido dessas só se dá quando referidas ao simbólico.

Visto que não há lugar outro para a aplicação da psicanálise que não seja na linguagem da pulsão, este trabalho propõe a discussão deste tema a partir de um “silêncio gritante” percebido por Freud na escuta de seus pacientes a partir de 1920 que levava estes de alguma forma a caminho de uma destruição.

Referências

1 – FREUD, Sigmund. (1905) **Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

2 – FREUD, Sigmund. (1914) **Sobre o narcisismo: uma introdução**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

3 – FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

4 – GARCIA - ROZA, Luiz Alfredo. **Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.